

O processo de maturidade do projeto literário de George Orwell: ensaios¹

PAULA SAYURI YANAGIWARA

Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

e-mail para contato: paulasayuri@live.com

Resumo: Este artigo busca analisar quatro ensaios escritos por George Orwell: *O albergue* (*The spike* – 1931), *O abate de um elefante* (*Shooting an elephant* – 1936), *Spilling the Spanish Beans* (1937) e *Por que escrevo* (*Why I write* – 1946), com o intuito de focalizar a construção do projeto literário deste autor ao longo da escrita dos ensaios. O objetivo é tentar apreender uma linha de maturidade, pela qual ele desenvolve sua visão política, em um crescente movimento de conscientização.

Palavras-chave: literatura e política; George Orwell; ensaio.

Abstract: This paper aims at analyzing four essays written by George Orwell: *The spike* (1931), *Shooting an elephant* (1936), *Spilling the Spanish Beans* (1937) and *Why I write* (1946), with the objective to focus on the building of the author's literary project along the writing of his essays. The purpose is to apprehend a line of maturity by which he developed his political vision, in an increasing activity of awareness.

Keywords: literature and politics; George Orwell; essays.

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, foi um romancista do século XX mais bem conhecido no mundo todo por suas obras *A revolução dos bichos* (*Animal Farm*), publicada em 1945, e *1984* (*Nineteen Eighty-Four*), escrita em 1948 e publicada em 1949, um ano antes de o autor falecer. Seus ensaios não são tão conhecidos pelo público, o que não descarta a relevância destes para se compreender como seu projeto literário foi construído por suas vivências, bem como para entender este projeto no contexto histórico no qual está inserido. Pelo contrário, será por meio destes que se buscará o intento deste artigo, traçar a linha de crescente conscientização política de seu projeto literário, tendo em vista que é nesses ensaios que a posição política do autor se mostra mais diretamente.

Para justificar a abordagem de certa forma biográfica pela qual se dá a análise dos ensaios, uso as palavras de Carla Alexandra Ferreira (2003), citando Fredric Jameson em seu célebre *Political Unconscious*:

¹ O presente artigo é fruto de pesquisa fomentada pela FAPESP e orientada pela Prof. Dra. Carla Alexandra Ferreira.

Jameson nos ensina que não é a evolução pessoal (do autor) puramente que conta para o ato interpretativo da obra, tampouco somente mudanças na estrutura interna da obra, nem causas externas imediatas, mas esses elementos somados à “estrutura do sentimento” que determina o texto são relevantes para se iniciar a análise de uma determinada narrativa (FERREIRA, 2003, p. 12).

Dessa forma, inicio o texto falando um pouco sobre a biografia do autor, e em seguida, fazendo paralelos com as obras mencionadas, com o intuito de estabelecer relações entre estes, de modo a compreender a empreitada do autor rumo à conscientização política e como esta se reflete em seu projeto literário.

O autor nasceu na Índia, em 25 de junho de 1903, mas anos depois se mudou para a Inglaterra e só retornou à Índia uma vez, quando fez parte da Polícia Imperial Indiana. Sua família fazia parte da baixa classe média alta, de modo que eles despendiam dinheiro com roupas caras, se importavam em manter a aparência como uma família rica, mas não frequentavam requintados restaurantes, por exemplo. Orwell frequentou a escola pública, porém paga, Ethon, mas somente teve essa oportunidade porque sua família recebia descontos na taxa de mensalidade. Por essa razão, ele era constantemente humilhado, não somente pela direção e pelos professores da escola, mas também pelos próprios estudantes, o que denota um preconceito pela diferença de classes inerente à sociedade. Após alguns anos, Orwell escreveu que para se solucionar esse esnobismo, a educação deveria ser realmente democrática, igual para todos, dos 10 aos 12 anos (BONALUME NETO, 1984). Esta era a semente do socialismo democrático pelo qual Orwell lutaria mais a frente.

Quando já adulto, Orwell ainda era rodeado por essas questões sociais, mas havia um obstáculo. Como ele poderia questionar a desigualdade social na qual estava inserido se, no fundo de sua alma, ele possuía um sentimento de rejeição pelos pobres, se ele tinha esse enraizado sentimento de superioridade de sua baixa classe média alta para com as classes mais baixas? Questionando esse paradoxo, ele decidiu ir para a França e viver sozinho, lavando pratos ou fazendo qualquer coisa que o mantivesse vivo. Depois, viveu um tempo em Londres e decidiu viver como mendigo. Dessas experiências ele escreveu *Na pior em Paris e Londres (Down and Out in Paris and London)*, seu primeiro livro, e em 1931, ele escreveu o ensaio *O albergue*, no qual ele narra um dia passado no albergue. Sobre sua experiência na Índia, Orwell escreveu *Dias na Birmânia (Burmese Days)*, e em 1936, o ensaio *O abate de um elefante*.

Em 1936, o escritor foi à Espanha lutar contra o totalitarismo de Franco, mas o que ele observou foi que todos lá estavam mais interessados em combater a revolução dos fascistas. Esses sentimentos são fortemente percebidos nos ensaios *Spilling the Spanish Beans* (1937) e *Por que escrevo* (1946).

Os quatro ensaios mencionados serão o corpus que será agora analisado, na tentativa de se observar o processo de maturidade que é intrínseco ao projeto literário de George Orwell. A decisão de analisar esses quatro ensaios e não outros não é aleatória. Considerando que 1936 é uma importante data para Orwell (o ano funcionou como um divisor de águas para suas produções, como será mais bem trabalhado a frente), foi

crucial escolher ensaios que foram escritos antes, durante e depois da data. Objetivando comparar esses ensaios, tentando observar nestes uma linha evolutiva e a direção da maturidade, aqui foi adotado o método contrastivo.

O primeiro ensaio que será analisado é *O albergue*, escrito em 1931, que fala sobre o período no qual Orwell decidiu sair do ambiente protetor de sua família, da baixa classe média alta, e viver como mendigo. Vivenciando o paradoxo de pertencer a esta classe e simpatizando com membros das classes baixas, ao mesmo tempo que repudiava e era impelido aos pobres, ele tentou superar todo preconceito em que ele achava ser inerente às pessoas das classes mais altas. Bonalume Neto define muito bem o propósito deste escrito e a intenção de sua ação radical: “é um retrato fiel da vida que ele escolheu levar, escrito sem idealizar a pobreza ou os pobres, mas também notável por mostrar uma tentativa honesta de sua superação de preconceito” (BONALUME NETO, 1984, p. 34). Note que ele afirma que Orwell não idealizava os pobres; na verdade há passagens nas quais ele se vê como parte deles.

Há duas partes que merecem atenção, nas quais ele descreve os mendigos. A primeira é quando eles chegam ao albergue e têm de tomar banho, em um banheiro comunitário, e todos têm de tirar suas roupas para serem revistados. Orwell fala sobre os “segredos indecentes” de suas roupas de baixo, e parece não ser casual ele falar sobre as roupas de baixo, e não sobre os corpos daqueles homens, pois a condição daqueles mendigos não é a causa de sua miséria, mas a consequência dela; não é parte deles, mas é algo que eles são naquele momento específico.

A outra passagem é quando ele relata a inspeção médica, e este aspecto de “ser em um momento específico” também pode ser notado, assim como a sensação de inclusão de Orwell naquela comunidade.

Ninguém pode imaginar, exceto se já viu tal coisa, como parecíamos uns vira-latas barbigudos e degenerados. Cabeças desgrenhadas, rostos enrugados e barbudos, peitos encovados, pés chatos, músculos descaídos – todos os tipos de mal formação e podridão física estavam ali. Todos eram flácidos e descoloridos, como são todos os vagabundos sob suas enganosas queimaduras de sol (ORWELL, 2011, p. 50).

Ainda em concordância com Bonalume Neto (1984), é possível afirmar que mesmo quando ele descreve os mendigos, o tom que Orwell assume é mais determinista que piedoso.

Não havia nada para conversar, exceto as fofocas insignificantes da estrada, os bons e maus albergues, os condados caridosos e os insensíveis, as iniquidades da polícia e o Exército da Salvação. Os vagabundos raramente escapam desses temas; é como se não falassem senão de compras. Não têm nada que valha a pena chamar de conversa, porque o vazio das barrigas não deixa especulação em suas almas. O mundo é muito duro com eles. A próxima refeição nunca está garantida, e assim não podem pensar em nada senão na próxima refeição (ORWELL, 2011, p. 51).

Neste momento, pode-se questionar se Orwell, em sua atitude de viver como mendigo para superar seu preconceito, realmente atingiu seu objetivo. Há momentos nos ensaios em que há contradições em seu discurso, por exemplo, quando Orwell julga, indagando sobre o enfado de ser confinado em um lugar por dez horas consecutivas, que somente um homem educado poderia suportar tal confinamento, porque ele sabia como lidar com aquele tipo de situação.

Passei a pensar que o tédio é o pior de todos os males de um vagabundo, pior do que a fome e o desconforto, pior ainda do que o sentimento constante de ser socialmente desfavorecido. É uma crueldade estúpida confinar um homem ignorante o dia inteiro sem nada para fazer; é como prender um cão num barril. Só um homem instruído, que encontra consolo dentro de si mesmo, pode suportar o confinamento (ORWELL, 2011, p. 51-52).

Se, por um lado, nós temos este Orwell não tão confiante de seu propósito, por outro, nós vemos um Orwell revoltado, contestando o desperdício de comida no albergue. Durante sua estadia, Orwell trabalhou na cozinha do asilo, tarefa das mais cobiçadas no albergue, e lá ele foi incumbido de jogar fora os restos de comida. Olhando para seus companheiros, famintos, como ele poderia jogar fora toda aquela comida? Falando sobre isso para um “vagabundo de ar um tanto superior”, esperava que ele pudesse compartilhar de sua indignação, mas o oposto ocorre e o homem defende que o albergue deveria mesmo ser aquele lugar desagradável, pois “esses mendigos são preguiçosos demais para trabalhar” (ORWELL, 2011, p. 54), eles são a escória, e transformando o albergue em um lugar bom, isso poderia incentivá-los a continuar sendo desempregados.

Uma outra passagem interessante é quando ele descreve o “bedel de vagabundos” como “um tirano, um cão vociferante, blasfemo e insensível” (ORWELL, 2011, p. 46), o que pode ser interpretado como uma semente do sentimento contra o totalitarismo, que ele posteriormente irá defender.

O segundo ensaio, *O abate de um elefante* (1936), fala sobre o período em que ele viveu na Índia como soldado da Polícia Imperial Indiana. Essa experiência contribuiu para a formação política de Orwell não somente na sua questão de classes sociais, mas também na questão racial. Como um homem inglês, ele sofreu muito com o preconceito que os indianos nutriam por ele. Ao mesmo tempo, ele era contra, secretamente, o imperialismo inglês.

Com um lado da cabeça, eu pensava que a soberania britânica era uma tirania inquebrantável, algo imposto, *in saecula saeculorum*, contra a vontade dos povos humilhados; com o outro lado, pensava que o maior prazer do mundo seria enterrar uma baioneta nas entranhas dos sacerdotes budistas (ORWELL, 2005, p. 61).

Particularmente, um episódio mostrou a ele como o imperialismo age. Um elefante fugiu de sua jaula e a população estava aterrorizada, e Orwell havia sido encarre-

gado de controlar a situação. Ele afirmou que não tinha a intenção de matar o elefante, mas todos os “dois mil rostos amarelos” esperavam isso dele, de modo que ele não tinha escolha. Temendo que as pessoas rissem dele e o massacrassem, ele atirou no elefante, o que fez dele uma espécie de herói, apesar de todo o preconceito que a população sentia por ele: “Não gostavam de mim, mas com o fuzil mágico nas mãos eu merecia por um instante ser observado” (ORWELL, 2005, p. 65).

Se nesses dois primeiros ensaios nós podemos observar um fato que induz Orwell a pensar sobre a situação política, no terceiro, *Spilling the Spanish Beans* (1936), ele é mais direto. Ele fala sobre a Guerra Civil Espanhola (1936), mas as questões que emergem para serem discutidas são mais intrínsecas de sua consciência política, denotando uma maturidade em seu discurso.

Primeiro, ele indaga sobre quem é o verdadeiro oponente na guerra, pois seu objetivo em ir para a Espanha era lutar contra o totalitarismo de Franco, mas quando chega lá ele percebe que na verdade o governo espanhol estava mais preocupado com a revolução esquerdista do que com os cursos que o fascismo tomava. Ele observa ainda que os comunistas eram mais uma força contrarrevolucionária, que eles haviam feito uma aliança com a burguesia, e Orwell os nomeia de comunistas liberais. Se no começo da guerra, burgueses e proletários estavam lutando, lado a lado, contra o fascismo, agora qualquer um que proferisse argumentos socialistas era chamado de fascista e poderia ser preso.

O argumento continua a um ponto em que Orwell conclui que o governo espanhol e toda espécie de esquerda ou direita estava mais interessada em manter a guerra. Essa relação será desenvolvida em *1984*, livro no qual o Estado mantém a guerra pelo fato de ela consumir tudo o que os proletários produziam e, em consequência, manter os proletários como proletários.

O último ensaio analisado é *Por que escrevo* (1946), no qual Orwell faz um esboço de todas as suas produções até *A revolução dos bichos*, e chega a dizer que intencionava escrever um novo livro, que hoje sabemos ser *1984*: “Faz sete anos que não escrevo um romance, mas espero escrever outro muito em breve. Será fatalmente um fracasso, todo livro é um fracasso, porém tenho a clara noção do tipo de livro que pretendo escrever” (ORWELL, 2005, p. 30). Felizmente, ele estava errado sobre o suposto fracasso de seu livro.

Mas o intuito ao analisar o ensaio em questão não reside somente no esboço das produções literárias de Orwell, mas em uma lista em particular, de apenas quatro itens, na qual ele expõe as razões pelas quais um escritor deve escrever, e destas destacar-se-ão as duas últimas: o impulso histórico e o propósito político.

O primeiro destes se refere ao “desejo de ver as coisas como elas são, de encontrar fatos verídicos e guardá-los para o uso da posteridade” (ORWELL, 2005, p. 25), e o segundo se refere ao “desejo de lançar o mundo em determinada direção, de mudar as ideias das pessoas sobre o tipo de sociedade que deveriam alcançar” (ORWELL, 2005, p. 25). Orwell viu que o aspecto político era um elemento relevante para sua prosa, afirmando ainda que mesmo quando alguém tenta não ser político, ele o é:

Não sei dizer com certeza qual de meus motivos é o mais forte, mas sei qual deles merece ser seguido. E, ao reexaminar minha obra, percebo que foi sempre onde me faltou um propósito *político* que escrevi livros sem vida e fui induzido a escrever passagens floreadas, frases sem significado, adjetivos decorativos e, em geral, falsidades (ORWELL, 2005, p. 31).

Ele traça uma linha de produção, construindo uma gradação crescente de maturidade e consciência política, e ao longo dessa linha, existe a arte de escrever, a arte consciente. E essa arte é menos voltada à produção que aos aspectos políticos, pois antes da arte há uma mentira que Orwell deve revelar, denunciar. Ainda assim, ele afirma:

Mas não conseguiria escrever um livro, nem um longo artigo para uma revista, se não fosse também uma experiência estética. Quem se dispuser a examinar meu trabalho perceberá que, mesmo quando é uma clara propaganda, contém muito do que um político de tempo integral consideraria irrelevante (ORWELL, 2005, p. 29).

E *A revolução dos bichos* é o livro em que o autor alcança, com consciência completa do que está fazendo, o amálgama dos propósitos políticos e artísticos.

Por meio de quatro ensaios de George Orwell, tentou-se observar o processo pelo qual o escritor construiu seu projeto literário. Se nos dois primeiros ensaios analisados, ele ainda está atado a um fato real, a uma mentira, como ele costumava chamar, que precisava ser denunciada, nos dois últimos, sua consciência política é mais madura, está solidificada, e isso se reflete em seus escritos.

Como já foi mencionado, o propósito artístico de seus primeiros escritos, romances e ensaios, estava em uma posição secundária de importância, pois antes de tudo havia a mentira, o engajamento político que ele não poderia disassociar de seu trabalho. Na verdade, Orwell não acreditava que alguém pudesse escrever algo diferente disto, vivendo em um período como o dele, e esse engajamento não implica um sacrifício da ideologia estética ou intelectual.

Parece-me absurdo, num período como o nosso, pensar que se pode evitar escrever sobre esses assuntos. Todo mundo escreve sobre eles de uma forma ou de outra. É apenas uma questão de que lado tomar e de que abordagem adotar. Quanto mais ciente se está de uma tendência política, mais oportunidade se tem de atuar politicamente, sem sacrificar a estética e a integridade intelectual (ORWELL, 2005, p. 28).

O fato histórico que mudou e consolidou a posição política de Orwell foi a Guerra Civil Espanhola, ocorrida em 1936. Nesta, ele teve a oportunidade de sentir em sua própria pele as contradições dos numerosos partidos de esquerda e como, na es-

sência, eles eram muito próximos da direita política. De certo modo, eles estavam todos lutando pelo poder, e o discurso socialista, que defendia justiça e igualdade, estava mais preocupado em manter o sistema como estava. Sobre essa experiência, e confirmando sua posição socialista, Orwell afirma:

A Guerra Civil Espanhola e outros acontecimentos em 1936-7 pesaram na balança, e a partir de então eu soube me situar. Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, *contra* o totalitarismo e *a favor* do socialismo democrata, da forma que eu o entendo (ORWELL, 2005, p. 28).

Os dois últimos romances que Orwell escreveu, *A revolução dos bichos* (1945) e *1984* (1949), são os mais populares entre o público, e os mais criticados também. Eles tiveram uma recepção polêmica, e alguns estudiosos afirmam que Orwell se corrompeu, pois, atacando o Socialismo, ele estava de algum modo fazendo propaganda capitalista. Isso vem em convergência ao que Orwell afirmou em *Spilling the Spanish Beans* (1937): que na Espanha, todos que não eram a favor do socialismo em questão, os Comunistas Liberais, eram contra ele, e eram vistos como fascistas, mesmo que a pessoa não tivesse nada relacionado a essa visão política.

Por não ser parte do pensamento socialista de sua época, por acreditar no socialismo democrático, estudiosos criticaram Orwell sob uma visão maniqueísta de mundo. Mas isso pode ser negligenciado se nós considerarmos que eles lidavam com um mundo bipartido entre socialistas e capitalistas. O modo de pensar era bipolar. De toda forma, Orwell teve uma abordagem diferente da situação, ele pôde ver que o tipo de socialismo liderado por Stalin era corrompido e divergia do socialismo que dava prioridade à justiça e à igualdade, no qual ele acreditava.

Em resumo, em textos pré-1936, Orwell já tinha disseminado os aspectos políticos que iriam florescer em seus últimos trabalhos. Se ele era mais direto nos primeiros ensaios, ainda que não maduros, nos últimos ele está mais atento a suas intenções, a princípio veladas e, em por isso mesmo, mal interpretadas.

Orwell não mudou nem seu assunto nem sua posição política. Talvez o contexto das Guerras Mundiais e da Guerra Fria não tenha sido compreendido em sua totalidade pelos estudiosos, o que poderia desacobertar as estratégias de contenção usadas por George Orwell.

Referências

BONALUME NETO, Ricardo. *George Orwell: a busca da decência*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRA, Carla Alexandra. *The Coup e Brazil: uma leitura do Norte pelo Sul*. 2003. 188 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ORWELL, George. O albergue, in: *Como morrem os pobres e outros ensaios*. Org. Matinas Suzuki Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ORWELL, George. O abate de um elefante, in: *Dentro da Baleia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ORWELL, George. *Spilling the Spanish Beans*. 1937. Disponível em: <<http://gutenberg.net.au/ebooks03/0300011.txt>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

ORWELL, George. Por que escrevo, in: *Como morrem os pobres e outros ensaios*. Org. Matinas Suzuki Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Artigo recebido em 28/07/2011

Aceito para publicação em 21/09/2011